

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

BACHARELADO EM TEOLOGIA

ALYSSON GAMBARTI ALVES

MÍSTICA CRISTÃ E ABORDAGENS PRAGMÁTICAS:  
HEURÍSTICA, POLÍTICA E ESTÉTICA

VITÓRIA-ES

2020

ALYSSON GAMBARTI ALVES

MÍSTICA CRISTÃ E ABORDAGENS PRAGMÁTICAS:  
HEURÍSTICA, POLÍTICA E ESTÉTICA

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de  
Artigo como requisito parcial para obtenção do  
grau de Bacharel em Teologia. Faculdade  
Unida de Vitória.

Orientador: Graham Gerald McGeoch

VITÓRIA-ES

2020

# MÍSTICA CRISTÃ E ABORDAGENS PRAGMÁTICAS: HEURÍSTICA, POLÍTICA E ESTÉTICA

Alysson Gambarti Alves<sup>1</sup>

Resumo: Desde os primórdios do Cristianismo, ou ainda antes com o Judaísmo, um dos grandes mistérios dessas religiões é compreender como se dá a relação entre o ser humano e Deus, seu criador. Este artigo tem o objetivo de tratar, de forma breve, de um dos principais campos da Teologia que lida com a busca, vivência e compreensão da presença e relação de Deus com o mundo, a *Teologia Mística*. Na primeira parte, pretende-se fazer uma breve introdução à Mística elucidando algumas de suas principais categorias de estudo, e nas demais seções do artigo pretende-se propor diferentes formas de interpretação das experiências místicas cristãs encaixando-as nos modelos pragmáticos heurístico, político e estético, segundo seus objetivos e limites hermenêuticos. O objetivo não é esgotar o assunto, mas sim lançar luz sobre conceitos importantes da mística cristã e como suas diferentes interpretações podem contribuir em diferentes contextos e com objetivos específicos seja na vida cristã individual ou na comunidade na Igreja.

Palavras-chave: Mística. Presença de Deus. Pragmática. Heurística. Política. Estética.

## INTRODUÇÃO

A Teologia Mística é, e sempre foi, uma parte fundamental da história do desenvolvimento do Cristianismo, afinal ela trata do elemento que, na minha opinião, é o mais importante para qualquer cristão, no que diz respeito à vivência de sua fé: a comunhão e presença de Deus. Apesar de ter caído em desuso, o termo *mística* representa um campo da teologia dedicado ao estudo, compreensão, prática e entendimento de Deus, não apenas de forma acadêmica, mas num contexto relacional.

O objetivo desse trabalho é expor, ainda que superficialmente, alguns conceitos essenciais do estudo da mística, passando a focar posteriormente na análise da experiência mística da presença de Deus. Para tanto, usarei como ferramentas as abordagens pragmáticas heurística, política e estética, utilizadas no contexto de interpretação de textos, e vou aplica-

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia. E-mail: alyssongambarti.71@gmail.com.

las de forma a enquadrar a experiência mística em suas categorias, conforme as regras hermenêuticas de cada abordagem.

Ao final, meu objetivo é propor formas de interpretações da experiência mística em diferentes contextos e padrões de relação entre o sujeito místico, Deus e a comunidade, bem como analisar os resultados possíveis dessas interpretações.

Lembrando que, ao me referir à experiência mística, não estou tratando do exato momento de vivência da presença de Deus dado que esta é uma questão de fé, impossível de ser abordada cientificamente. O que trato aqui é do relato posterior, que pode ser traduzido em palavras (texto) e comunicado na comunidade, assim como tantas obras de teólogos e teólogas através da história. Esse relato, apesar de ser uma questão específica de fé, merece espaço de análise uma vez que, embora não comprovado ou testado cientificamente, os desdobramentos dessas crenças se fazem reais no percurso da história.

## 1 BREVÍSSIMA INTRODUÇÃO À MÍSTICA.

### Segundo Clifford Geertz a cultura

denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em um sistema de símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.<sup>2</sup>

Nesse sentido, não é incomum que palavras e termos caiam em desuso ou sofram alterações em seus significados originais no caminhar da história e em suas transformações culturais e por vezes acabem adotando novos significados que distorcem o sentido original ao que se referiam. Este é o caso do termo *mística*, quando analisado num contexto de estudos religiosos. Comumente, a primeira impressão que se tem é que o termo trata de algo estritamente sobrenatural e por vezes ligado ao universo que envolve magia ou encantamentos sendo, portanto, difícil de se relacionar, num âmbito religioso a ideias ou práticas de relacionamento com Deus ou qualquer parte da Trindade Cristã. Em seu lugar é mais comum encontrarmos termos como *mistério*, *encontro com Deus*, ou mesmo *experiência no Espírito*, ou *revelação*, principalmente em meios protestantes e pentecostais.

Este artigo não tem a pretensão de oferecer um significado original ao termo devido à complexidade e inúmeras possibilidades de definições e abordagens que ele carrega. Basta-

---

<sup>2</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 66.

nos compreender, a princípio, que a mística foi (e ainda é) uma das partes fundamentais do pensamento religioso, atuando como um dos elementos fundamentais do cristianismo. Entretanto, acredito ser salutar citar uma das definições iniciais propostas por Bernard McGinn, de forma que ela conduzirá todo o objetivo de trabalho deste artigo: “o elemento místico no cristianismo é aquela parte de suas crenças e suas práticas que concernem à preparação para a consciência de e a reação ante aquilo que se pode ser descrito como a imediata ou direta presença de Deus”<sup>3</sup>.

*Preparação, consciência e presença de Deus* são palavras-chaves para a mística cristã. Nesse sentido, a vida do místico<sup>4</sup> consiste em uma busca e preparação constantes, por parte do fiel, para que de forma consciente, isto é, possível de conhecimento, ele ou ela tenham um encontro com Deus. Encontro esse que não se limita à mera situação onde Deus e humano são coisas individuais e separadas, antes, porém, é um encontro onde há a fusão das partes. Aqui está uma das mais importantes categorias do estudo e experiência mística: a *unificação*. Ao longo da história da mística, um dos principais objetivos de suas personagens é a busca pela união da alma com Deus, busca essa que não se origina no desejo e interesse da consciência humana, mas de um chamado plantado em sua alma pelo próprio Deus que o criou, como escreve Agostinho de Hipona em suas *Confissões* “Tu nos despertas a deleitarmo-nos no em Teu louvor, porque Tu nos fizeste para Si mesmo e o nosso coração estará inquieto até que repouse em Ti”<sup>5</sup>. Há de se ressaltar aqui a forte influência do platonismo no desenvolvimento da categoria de união da alma com o que Plotino chamou de *Uno*, que é o primeiro princípio do qual todas as coisas existem. O tema da unificação também é bem trabalhado no cristianismo Ocidental por teólogos como Mestre Eckhart, Teresa D’Ávila, João da Cruz, e também pela Igreja Ortodoxa no Oriente, por exemplo por Simeão O Novo Teólogo, sob a categoria de *theósis* (deificação)<sup>6</sup>.

Para além das experiências individuais entre místicos e Deus, a mística compõe uma forma de viver do fiel que o direciona também na vida em comunidade. É comum a associação da mística a uma comunicação individual entre Deus e humano, prova disso é o

---

<sup>3</sup> MCGINN, Bernard. *As fundações da mística: das origens ao século V*. São Paulo: Paulus, 2012. p. 18.

<sup>4</sup> É de extrema importância ressaltar que ao me referir a *místicos* como aqueles que vivem e repassam suas experiências com Deus estou incluindo todas as mulheres e místicas que tanto contribuíram para a formulação de uma teologia sofisticada e tão importante na história do cristianismo. A opção pelo termo *místico(s)* no masculino se dá apenas por uma questão semântica onde optei por usar *mística*, no feminino, como a categoria teológica e *místico*, no masculino, como o sujeito que opera dentro da categoria, independentemente do gênero.

<sup>5</sup> AGOSTINHO. *Confissões*. Jandira: Principis, 2019. p. 15.

<sup>6</sup> Para uma introdução sobre a categoria de deificação na dogmática ortodoxa ver: ALFEYEV, Hilarion. *O mistério da fé: introdução à teologia dogmática ortodoxa*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 270-290.

número expressivo de relatos feitos por teólogos e teólogas que aderiram ao isolamento da vida nos mosteiros. De fato, o estilo de vida monástico proporciona um ambiente de foco, uma vez que mitiga as complexidades de uma vida em comunidade. Entretanto, a experiência da presença de Deus não se limita a uma categoria específica de cristão, nem tão pouco a um momento de êxtase ou de consciência elevada, esses são eventos ao que diria serem parte de um trecho pequeno da vida cristã. Para o Cristianismo, a presença do Espírito Santo entre nós é a testificação da presença de Deus no mundo<sup>7</sup> e garante a possibilidade uma vida em comunhão com Deus, isso significa que a mística, como um estilo de vida, está aberta a todo aquele que crê e se dispõe ao contato da presença de Deus, afinal, como propõe Karl Rahner, teólogo alemão do séc. XX, “o Cristão do futuro ou será ‘místico’, isto é, pessoa que ‘experimentou’ algo, ou não será cristão”<sup>8</sup>, ou seja, considerar a presença e a relação entre ser humano e Deus é essencial para a vida Cristã. Apesar de todas as estruturas humanas que envolvem a religião, é necessário que sempre haja a busca pela interação entre o humano e Deus, através da presença de seu Espírito no mundo.

Neste sentido, o cristão, ou místico, vive na busca de e no encontro com Deus nas mais diversas formas em que Ele possa se apresentar. Mestre Eckhart descreve, de modo alegórico, em seu sermão *O Homem Nobre*, sobre o texto do livro de Lucas 19,12, a trajetória espiritual da alma ao encontro de Deus, mas também o seu regresso deste encontro ao que conclui:

Por isso disse Nosso Senhor com muito acerto que ‘um homem nobre partiu para uma terra distante a fim de tomar posse do reino e regressar’. Pois o homem deve ser um em si mesmo e deve procura-lo (isto é, o ser-um) em si e no Uno e recebê-lo no Uno, isto é: somente *contemplar* a Deus; e *regressar*, isto é: saber e conhecer que conhece e sabe a Deus.<sup>9</sup>

Nesse regresso, cabe ao místico a responsabilidade de transmitir à comunidade o registro de sua experiência com Deus, experiência essa que se revela transformadora e que carrega uma mensagem que inspire a comunidade a quem é passada. O fruto desses encontros é, dentro do possível, traduzido em linguagem humana e carrega em si uma mensagem que é reconhecida pela comunidade como uma mensagem de Deus. Exemplo disso é o brilhante trabalho de Juliana de Norwich, teóloga e mística do séc. XIV, que em sua obra *Revelações do Amor Divino*<sup>10</sup> trabalha de forma sistemática e ao mesmo tempo devocional alguns dos

---

<sup>7</sup> Ver versículos como João 14.16-17, 15.26; Atos 1.8.

<sup>8</sup> RAHNER, Karl. *Escritos de Teologia VI*. Madrid: Taurus Ediciones, 1967. p. 25.

<sup>9</sup> ECKHART, Mestre. *O livro da divina consolação e outros textos seletos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 98.

<sup>10</sup> JULIANA de Norwich. *Revelações do Amor Divino*. Petrópolis: Vozes, 2018.

temas fundamentais da espiritualidade cristã como a oração, o pecado, encarnação, consolação, etc., a partir de uma série de registros de revelações que Deus a deu. Neste livro, Juliana retorna de suas visões com mensagens que não preenchem apenas sua alma de forma individual, mas serve de exemplo e instrução a todos quanto sua mensagem alcançar.

Dentro das práticas fundamentais da vida cristã encontramos a leitura das Escrituras, a oração e a comunhão entre os santos, isto é, a comunidade das igrejas. Há ainda uma outra categoria pouco difundida nas comunidades protestantes, mas que é fundamental para a mística cristã: a *contemplação*. Para Thomas Merton, monge trapista e teólogo do séc. XX,

A contemplação é a mais alta expressão da vida intelectual e espiritual do homem. É a própria vida do intelecto e do espírito plenamente despertada, plenamente ativa, plenamente consciente de que está viva. É um espanto espiritual, uma admiração. Um temor espontâneo, reverencial, diante do caráter sagrado da vida, do ser.<sup>11</sup>

Em linhas gerais, a contemplação é mais do que o simples ato de observar a natureza ou a criação à sua volta, mas um estado de profunda conexão com o Deus que é presente e se faz cognoscível em sua própria criação sendo, portanto, a própria criação um caminho de união entre o místico e Deus. O pensamento de Merton acerca da contemplação, talvez um dos principais expoentes do tema, não é uma novidade dentro da teologia mística, uma vez que retoma conceitos e categorias já tratados por outros nomes do passado como Agostinho e posteriormente por Tomás de Aquino em categorias escolásticas das formas de conhecimento de Deus através da Sua revelação da graça na criação<sup>12</sup>. Sendo assim, a presença de Deus não se dá apenas num reino celestial para além do mundo natural, porém, Deus é acessível ao místico através da consciência de sua graça presente na criação. Esse tema é debate para diversas controvérsias quanto à natureza de Deus e a natureza das coisas criadas. Muito dessas controvérsias se dão por conta da forte presença platônica e maniqueísta, que apesar de ser tida como uma heresia pela igreja cristã, ainda está presente de alguma forma dentro da teologia atual toda vez que se propõe a separação entre alma/espírito, tidas como perfeitas e local da habitação de Deus, e o corpo/natureza criada que é tido como mal e imprópria para a habitação de Deus.

Não é objetivo deste trabalho tratar dessas controvérsias, cabe aqui apenas elucidar a importância da categoria de contemplação e como sua interpretação interfere na experimentação da presença de Deus por parte do místico.

---

<sup>11</sup> MERTON, Thomas. *Novas sementes de contemplação*. Rio de Janeiro: Ficus, 2001. p. 9.

<sup>12</sup> PELIKAN. Jaroslav. *A Tradição Cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina. O desenvolvimento da Teologia medieval 600-1300*. v. 3. São Paulo: Shedd, 2015. p. 321-360.

Em resumo, os conceitos tratados até aqui servem como uma brevíssima introdução ao pensamento místico. Há muito o que se tratar sobre cada uma das categorias e ainda sobre outras não citadas neste trabalho. A ideia central que quero trazer à tona é que a mística constitui uma parte fundamental do estudo teológico e da vida cristã justamente por ser ela a categoria a tratar da presença de Deus, sua acessibilidade e sua possibilidade de conhecimento. É certo que ainda ficam muitas dúvidas sobre: como o místico acessa a presença de Deus? Como ele traduz a experiência em linguagem cognoscível? Como a experiência é validada como verdadeira? Como ela serve para a comunidade que recebe a mensagem entregue ao místico?

Perguntas como estas geram debates complexos que envolvem, inclusive, a forma como a humanidade entende e estrutura suas formas de conhecimento, principalmente quando tentamos enquadrar assuntos abstratos de experiências com Deus aos paradigmas racionalistas da modernidade onde a prova racional e materialidade do conhecimento são os parâmetros verificadores e validadores do conhecimento. A esse desafio, trago como proposta a avaliação da mística e suas experiências sob a ótica de três possíveis abordagens pragmáticas: a heurística, a política e a estética.

## 2 AS ABORDAGENS PRAGMÁTICAS

Para essa seção pretendo utilizar como base a proposta do artigo escrito por Osvaldo Luiz Ribeiro sobre o uso dos jogos pragmáticos heurístico, político e estético no trabalho de interpretação de textos<sup>13</sup>. Para tanto, é preciso adequar o cenário ao que pretendo relacionar o conceito de texto ao resultado cognoscível produzido pela experiência mística.

Primeiro adianto, a experiência mística *em si* é, e sempre será, completamente inalcançável ao conhecimento humano. Ela é inefável, única e infinita na medida em que o místico a vive. Uma vez que ela passa pelo filtro humano e é traduzida condicionalmente de acordo com o tempo e a linguagem do místico, sejam quais forem, ela deixa de ser inefável e inalcançável e passa a ser passível de entendimento e de estudo, sobretudo quando enquadrada em categorias comuns da fé cristã, que apesar de não científicas nos moldes modernos, regeram e regem a história milenar do Cristianismo e de seus adeptos. A experiência *em si*, enquanto momento exato de vivência, ao que chamarei aqui de *momento de*

---

<sup>13</sup> RIBEIRO, Osvaldo Luiz. Estética, Política, Heurística: os jogos pragmáticos de leitura. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 18, n. 3, p. 603-622, 2020.



*imensidão*, não é capaz de produzir nada que seja cognoscível porquanto transcende os limites da linguagem. Por sua vez o regresso dela às condições possíveis de linguagem e compreensão, ao que chamarei de *momento de finitude*, constitui apenas o reflexo do que foi possível ao místico se apropriar. É sobre esse produto da *finitude* que quero tratar.

## 2.1 A experiência mística como forma de texto

Existem diversas definições para *texto*, bem como vários estilos e formas de se conceituar o termo. Para nosso trabalho vamos simplificar para um conjunto de signos organizados verbalmente ou não, polissêmico, que visa transmitir uma mensagem.<sup>14</sup> Neste sentido, temos como elementos fundamentais de um texto: a) autor: indivíduo que produz o texto; b) mensagem: conteúdo produzido e organizado pelo autor, condicionado aos limites do tempo e linguagem de sua origem; c) objetivo: intenção com o qual o autor produz o texto e que é chave para interpretação da mensagem; d) destinatário: indivíduo que recebe e decodifica a mensagem.

O produto resultante do trabalho de organização e tradução em linguagem dos eventos experimentados pelo místico compõem uma forma de texto. Aplicando os conceitos descritos acima a esse produto finito e cognoscível podemos enquadrar a experiência mística da seguinte forma: a) autor: místico que vive a experiência na imensidão<sup>15</sup>; b) mensagem: produto finito resultado das apreensões possíveis por parte do daquele/a que viveu a experiência, sempre condicionado aos limites do tempo e linguagem em que foi produzida; c) objetivo: intenção original que está presente na mensagem<sup>16</sup>; d) destinatário: em primeira instância o próprio místico responsável por receber a mensagem de Deus, em segunda instância a comunidade ao qual o místico regressa. Mais à frente tratarei com mais detalhes essas duas instâncias do destinatário.

Entende-se que, devido a característica polissêmica intrínseca de todo o texto, o objetivo original do autor pode se perder no decorrer trabalho de decodificação feito pelo destinatário. A proposta trazida por Ribeiro é que, mesmo reconhecendo a polissemia presente

---

<sup>14</sup> NEVES, Flávia. Texto: O que é um texto? In: NORMA CULTA [Site institucional]. 25 jul. 2019. [n.p.]. [online].

<sup>15</sup> Importante ressaltar o caráter infinito e estritamente individual do momento da experiência, portanto, o místico e somente ele é capaz de apreender os aspectos vividos e traduzi-los em um produto finito.

<sup>16</sup> Cabe aqui o comentário que no trabalho do místico de passagem da experiência para a linguagem, a intenção é aquela que Deus revela durante a experiência, nunca a intenção pura do místico. Neste sentido, o místico é ao mesmo tempo autor e receptor do objetivo da mensagem.

em um texto, uma vez escolhida a abordagem pragmática, ou seja, a forma como o texto será abordado no processo de interpretação, deve-se jogar conforme as regras pertinentes a cada uma delas.

## 2.2 A pragmática heurística

O Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis, define heurística como

1 Ciência ou arte que leva à invenção e descoberta dos fatos.

2 Método de ensino que consiste em que o educando chegue à verdade pelos próprios meios.

3 Ramo da ciência histórica que consiste na pesquisa de documentos e fontes do passado.<sup>17</sup>

Sendo assim, a pragmática heurística é aquela que tem por finalidade encontrar os fatos históricos transmitidos pelo texto e também o estudo de suas estruturas e aspectos linguísticos. O intérprete que adota essa abordagem tem por objetivo encontrar os aspectos históricos assim como eles aconteceram. Sua busca se concentra nos aspectos objetivos presentes no texto que lhe permitam resgatar o tempo, a linguagem, a cultura e a intensão original do autor presente na obra, bem como analisar criticamente por meio de métodos o conteúdo e seu valor puramente históricos.

Portanto, a pragmática heurística se dá numa relação *eu-mundo*<sup>18</sup> onde o *eu* se trata do intérprete e o *mundo* o objeto a ser analisado. Nessa relação, o intérprete penetra no mundo do objeto (texto) e observa nele suas características objetivas e autônomas, ou seja, o objeto é quem dita os limites da interpretação e nada fora dele, nem mesmo os preceitos do intérprete, podem influenciar no processo de interpretação. Obviamente esse é um trabalho difícil e requer muita atenção de seus operadores, afinal, há o limite do próprio intérprete em sua capacidade de acessar o mundo do texto objetivamente. A prerrogativa que trago aqui não é a impossibilidade de falhas na interpretação objetiva do mundo do texto, mas sim a premissa do esforço por parte do intérprete em buscar o máximo possível sua neutralidade e compromisso com o mundo do objeto estudado. A tarefa da heurística é gerar conhecimento acerca o objeto, mesmo havendo a possibilidade de falha. De toda a forma, o conhecimento produzido é posto para teste até que se prove a falha de interpretação, ou não.

---

<sup>17</sup> HEURÍSTICA. In: MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2021. [online]

<sup>18</sup> RIBEIRO, 2020, p. 613.

### 2.3 A pragmática política

Política aqui não no sentido de governo, mas no de relações interpessoais. Todo o relacionamento entre semelhantes que se reúnem em um grupo estruturado sobre valores, ou ideologias comuns, é um relacionamento do tipo político. Nesse sentido a pragmática política se dá na relação *eu-outro*<sup>19</sup> onde o *eu* continua sendo o intérprete, e o *outro* é representado pela comunidade de semelhantes. Nessa abordagem o critério de avaliação dos textos místicos deixa de ser os limites históricos do mundo do objeto e passa ser a própria comunidade.

Na pragmática política, os parâmetros de interpretação são definidos pelos valores da própria comunidade seja de forma consciente ou não. Nesse modelo não há a preocupação com a verdade histórica e ainda que esta seja buscada, sua validação passa deliberadamente pelos filtros e critérios do grupo. O objetivo aqui não é a produção de conhecimento objetivo, mas sim de normas que norteiem o regulamento das interações do grupo.

Lembrando que, não é possível fazer juízo de valor entre abordagens, uma vez que elas são autônomas e possuem seu próprio escopo de regras e campo de atuação nas diferentes modalidades de relação entre intérprete e objeto. Não obstante, não é possível eleger uma interpretação política como sendo a única correta e verdadeira, afinal, o parâmetro de avaliação é o conjunto de critérios de cada comunidade, logo, haverá tantas interpretações quanto houverem diferentes grupos, haja visto o número de interpretações diferentes do mesmo texto das Escrituras quando feito por diferentes grupos religiosos.

Não é uma questão de certo ou errado, nem de melhor ou pior. Simplesmente são perspectivas diferentes que preenchem um espaço válido apenas para aqueles que compartilham das mesmas formas de interpretação.

### 2.4 A pragmática estética

A pragmática estética atua no campo da absoluta subjetividade. Se na heurística o critério é o mundo objetivo do objeto e na política o critério é a estrutura de valores de cada comunidade, na estética não há critérios objetivos, apenas a subjetividade do intérprete. Nesse

---

<sup>19</sup> RIBEIRO, 2020, p. 609.

sentido, a pragmática estética se dá na relação do tipo *eu-eu*<sup>20</sup> onde o intérprete é ao mesmo tempo operador e critério de interpretação.

A estética remete o intérprete ao campo da fruição, da opinião, da contemplação pessoal. O intérprete projeta-se sobre o objeto, transformando-o numa extensão de si mesmo. Não há limites, senão aqueles que o próprio operador se permitir experimentar.

Se na pragmática política há tantas interpretações quanto houverem comunidades, na estética há tantas interpretações quanto houverem intérpretes. Eventualmente haverá interpretações semelhantes que podem até agrupar-se em comunidades, porém o objetivo aqui não é a elaboração de normas de relações interpessoais, apenas o deleite individual que o objeto lhe proporcionar.

### 3 APLICAÇÃO DAS ABORDAGENS PRAGMÁTICAS NA EXPERIÊNCIA MÍSTICA

Insisto na teoria de que a experiência mística enquanto momento de imensidão é inefável, inalcançável e incompreensível em sua totalidade, e que apenas uma parte dela, enquanto momento de finitude, pode ser compreendida enquanto conhecimento traduzido em linguagem. Neste ponto é importante ressaltar que defendo o pensamento de Deus se fazer presente no meio da criação feita por Ele, fugindo de um pensamento platônico e dualista de um Deus que habita em um mundo completamente outro.

Nesse sentido, a experiência mística é inalcançável no que diz respeito aos limites de compreensão e linguagens humanas. Deus se faz presente, porém não se pode traduzi-lo por completo em termos plenamente compreensíveis pela humanidade. Sobre isso, existem diferentes tipos de tentativas de compreensão da mística através da linguagem *apofática*, que buscam a via negativa ao propor aquilo que Deus não é; a linguagem *catofática*, que busca elencar compreensões positivas do que Deus de fato é; e até mesmo por meio de uma *hiper linguagem*, onde Deus se mostra ainda maior do que qualquer termo utilizado pelas duas anteriores.<sup>21</sup>

Importante reforçar, para que não haja dúvida, que a experiência mística tratada neste trabalho não diz respeito necessariamente a experiências extáticas ou de consciência alterada. Como mencionado anteriormente, a experiência mística é tratada aqui como um modo de

---

<sup>20</sup> RIBEIRO, 2020, p. 607.

<sup>21</sup> Cf. MCGINN, 2012, p. 383-416.

viver que acompanha o fiel e que envolve todas as práticas e momentos conscientes da presença de Deus.

### 3.1 Mística e heurística

A experiência mística enquanto momento de finitude, como já dito, produz um texto que por sua vez possui um autor, uma mensagem, um objetivo e um destinatário. Após viver a experiência, o místico retorna para a comunidade com um produto cognoscível e passível de análise.

A abordagem heurística desse produto tem o objetivo de extrair do texto místico suas características mais objetivas possíveis. Não cabe ao intérprete heurístico avaliar devocionalmente o conteúdo descrito pelo místico. Por exemplo, ao analisar um texto histórico de um registro místico o pesquisador quer reconhecer as estruturas de linguagem que tornaram possíveis a produção do texto em si. Não cabe a ele avaliar a veracidade ou coerências presente nos relatos, mas sim compreender o objetivo presente na mensagem e, mais ainda, identificar o tipo de leitor a quem aquela mensagem se destina.

De certo que, apesar dos limites presentes no místico, sua intenção ao descrever sua experiência (que eventualmente pode se transformar num documento físico escrito) é passar a mensagem que recebeu de Deus de forma que aqueles a quem ela se destina possam compreender. Nesse sentido, o produto finito da experiência se torna um portal histórico que revela muito mais sobre as personagens envolvidas, lê-se autor e destinatários, do que sobre a própria mensagem ou experiências em si.

As estruturas de linguagem, as figuras, ilustrações, toda a descrição é abordada de forma objetiva no intuito de se reconstruir o cenário em que foi produzida. A abordagem heurística deve ter, portanto, o objetivo de investigar o produto de forma descritiva ao identificar seus elementos. Eventualmente é possível se fazer uma análise de julgamento e valores sobre o resultado da pesquisa, mas essa análise extrapola os limites da abordagem e, apesar de possível, não é justa.

Em suma, a heurística busca a reconstrução dos fatos históricos através da análise dos elementos presentes no registro do produto finito da experiência mística. Essa análise ajuda na reconstrução do cenário em que se deu o registro possível e faz com ela a interpretação histórica das personagens envolvidas, seu tempo e seus limites.

Sendo assim, a abordagem heurística tem pouca serventia para a produção teológica dogmática, porém, se torna uma potente ferramenta para a compreensão histórica.

### 3.2 Mística e política.

A natureza da relação presente na abordagem política, do tipo *eu-outro*, já revela o objetivo principal a ser analisado no produto finito da experiência mística: a recepção pela comunidade. Se na heurística não há julgamento de valor do conteúdo descrito pelo místico em sua experiência, aqui o conteúdo é o mais importante.

Uma das definições de comunidade é “qualquer conjunto de indivíduos ligados por interesses comuns (culturais, econômicos, políticos, religiosos etc.) que se associam com frequência ou vivem em conjunto”<sup>22</sup>. Na abordagem política, esses *interesses comuns* são a chave para a interpretação da experiência mística. Com isso não quero dizer que a experiência acontece em função dos interesses da comunidade, mas sim que esses interesses se tornam os critérios de avaliação e validação da mensagem passada pelo místico, seja para recepção ou rejeição da mesma.

Na abordagem política, a mensagem transmitida serve como forma de ensinamento ou guia para aqueles que a ouvem. Cabe aos receptores concordarem ou não com o conteúdo transmitido e isso se dá através de seus acordos sociais, sejam eles conscientes ou não.

Vejamos como isso se aplica num exemplo prático. Em sua obra *Revelações do Amor Divino*, Juliana de Norwich abre o Capítulo XL com os seguintes recortes:

‘O verdadeiro Amor nos ensina que, por amor, devemos odiar o pecado.’  
‘A mim me foi mostrado que não existe inferno mais sombrio do que o pecado.’  
‘Deus deseja que odiemos o pecado eternamente e eternamente amemos a alma, assim como Deus a ama.’<sup>23</sup>

Para compreender esse trecho é necessário que a comunidade que o recebe conheça e compartilhe os significados atribuídos aos termos como: *o verdadeiro Amor*, *pecado*, *inferno* e *alma*. Apesar de Juliana explicar com mais detalhes o que os termos significam ao longo de sua descrição da visão recebida, parte-se do pressuposto que esses termos não sejam novidade entre os receptores e que haja concordância quanto ao valor atribuído a eles. Dessa forma, a mensagem e recebida pela comunidade, de fato, como um ensinamento e uma instrução a ser seguida e que norteia o comportamento individual e coletivo do/no grupo.

---

<sup>22</sup> COMUNIDADE. In: MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2021. [online].

<sup>23</sup> JULIANA, 2018, p. 97.

Obviamente, aqueles que tem conceitos diferentes sobre os mesmos termos ou não farão parte da comunidade, ou não irão compreender a mensagem, ou mesmo que compreendam há a possibilidade de rejeição dela.

Da mesma forma, o místico, ao transmitir sua mensagem, deve tomar o cuidado de usar categorias que sejam reconhecidas pelo grupo a fim de que a mensagem seja ao menos compreendida. De certa forma, podemos dizer que o mesmo ocorre durante a experiência do místico em que o que é captado da mensagem de Deus sempre passará pelas categorias compreensíveis ao próprio místico, do contrário, pode se dizer que há a experiência, mas não uma comunicação compreensível, esta última não cabe nos parâmetros da abordagem política.

Apesar da mensagem passar obrigatoriamente pelos filtros da comunidade, note que isso não altera o evento da experiência, nem a mensagem em si. Elas são o que são. O fato da comunidade aceitar ou não a mensagem como norma, ou como um valor comum da comunidade, não altera o fato dela ser o que é, nem seu conteúdo. O aspecto do valor moral ou ético da recepção do conteúdo não é tema deste trabalho, cabe aqui apenas reconhecer os mecanismos pelo qual há a interação e interpretação da experiência mística na relação místico-comunidade.

De fato, essa abordagem é válida e plenamente perceptível na interação entre as diferentes comunidades cristãs, por exemplo, onde as diferentes denominações protestantes são o exemplo material de como a mesma mensagem pode ser interpretada de diferentes formas por diferentes comunidades que se agrupam em torno de valores e ideologias comuns. Esse movimento é, sim, legítimo conquanto é possível que haja diferentes interpretações da mesma experiência. A ilegitimidade está na tentativa de sobreposição de um grupo ao outro. Nesse sentido, a abordagem política pode contribuir para o reconhecimento de diferentes grupos ideológicos, ainda que compartilhem a mesma raiz de origem, e por conseguinte facilitar diálogos que promovam crescimento comum e convivência, no caso do cristianismo, a abordagem política das diferentes experiências da presença de Deus pode ser uma poderosa ferramenta a favor do ecumenismo.

### 3.3 Mística e estética

Como mencionado, as abordagens aqui estudadas são aplicadas apenas sobre o produto das experiências místicas obtida no momento de finitude. Para esta parte, gostaria de dividir esse momento em duas etapas: *imediate* e *posterior*.

Começando pela segunda etapa, o produto da finitude posterior é a parte apreendida pelo místico durante a experiência e traduzida em linguagem. Esta compõe a mensagem que é transmitida pelo místico à comunidade e aquela que pode ser estudada pelas abordagens heurística e política. Este produto, seja ele mais ou menos elaborado, de simples ou complexo entendimento, sempre será completamente enquadrado em estruturas cognoscíveis ao entendimento humano, bem como os produtos posteriores resultantes de suas análises e estudos.

Tomemos por exemplo o *Sermão 52* de Mestre Eckhart sobre a pobreza. Ao longo de seu complexo sermão, Eckhart descreve sua compreensão sobre a pobreza de espírito no texto de Mateus 5.3. O conteúdo do sermão não advém de uma experiência extática, nem de uma visão específica, mas de uma vida de devoção por parte do místico que lhe permite acessar conhecimentos revelados por Deus, não de forma sobrenatural, mas como fruto de uma vida em conexão com a presença de Deus ao que Eckhart conclui

Se qualquer um não conseguir entender este sermão, não se preocupe. Porquanto este alguém ainda não é igual [não está a par] a esta verdade, este não pode entender minhas palavras, pois esta é a verdade nua que veio direto do coração de Deus. Que nós possamos viver para experimentar isso eternamente, que Deus nos ajude. Amém.<sup>24</sup>

O produto finito da experiência que é transmitido no sermão pode ser analisado heurística e politicamente porque já está todo estruturado e traduzido em linguagem. Entretanto, a fonte de inspiração de onde o místico extrai seu conhecimento, a saber, sua vida de conexão com a presença de Deus, a esta não podemos acessar, apenas o indivíduo que a vive é quem tem esse acesso.

Esse acesso limitado, que apenas o místico tem de sua experiência da presença de Deus é o que chamo de produto finito imediato. Trata-se do momento exato de conexão do místico com Deus que fica no limite entre a imensidão e a finitude, ou seja, no limite entre o que é inefável e o que pode ser apreendido pelo entendimento do místico. A este momento cabe à abordagem estética interpretar por tratar-se de um encontro do tipo *eu-eu*.

Na abordagem estética, o produto analisado é fruto de uma projeção do místico sobre a experiência. Não quer dizer que ele a manipule de acordo com sua vontade, mas que toda e qualquer apreensão da experiência passa primeiro por seus próprios filtros e limites de

---

<sup>24</sup> “If someone cannot understand this sermon, he need not worry. For so long as someone is not equal to this truth, he cannot understand my words, for this is a naked truth that has come direct from the heart of God. That we may so live as to experience it eternally, may God help us. Amen” (tradução livre). MCGINN, Bernard. *The essential writings of Christian mysticism*. New York: The Modern Library, 2006. p. 443.



interpretação, até mesmo aquelas que o místico não consegue nomear ou traduzir em linguagem.

A abordagem estética tem por objetivo a fruição daquele que vive a experiência. Ela é o ápice do usufruto da experiência, porquanto não tem utilidade fora dela. A interpretação estética não se preocupa em produzir conhecimento, nem tão pouco normas de convívio a serem passadas a uma comunidade. Ela serve exclusivamente a quem a vive e enquanto a vive. Neste sentido, a abordagem estética produzirá tantas interpretações quanto houverem místicos e o mesmo místico poderá ter tantas interpretações quanto tiver experiências.

Tomemos por exemplo a visão relatada por Hildegarda de Bingen no Livro primeiro da obra *Scivias*:

*Vi uma grande montanha ferruginosa e, entronizado sobre ela alguém de glória tão imensa que ofuscava minha vista.*

[...].

Como se vê, portanto, a grande montanha ferruginosa simboliza a força e a estabilidade do Reino de Deus, o qual nenhuma flutuação de mutabilidade pode destruir; e aquele que está entronizado sobre ela, de glória tão imensa que ofusca a vista é aquele do reino da bem-aventurança, que governa todo o mundo com celestial divindade no esplendor de serenidade imarcescível, mas é incompreensível para mentes humanas.<sup>25</sup>

Na primeira parte do trecho, Hildegarda descreve a experiência de sua visão. Esta descrição representa o momento exato em que ela apreende as imagens de sua experiência da presença de Deus e as transforma em linguagem. Contudo, aquilo que ela sentiu ao viver o momento da visão, aquele primeiro momento de contato antes da compreensão, ainda que fosse descrito, permaneceria exclusivo à sua própria vivência. Esse momento estético (do tipo *eu-eu*) não está aberto à avaliação de terceiros e, por isso, não há o se julgar ou produzir em termos de conhecimento, nem pela comunidade que recebe a mensagem (política), nem por um historiador (heurística).

Já na segunda parte, ela descreve o significado dos elementos presentes em sua visão de forma objetiva. Esta parte, sim, pode ser acessada por outrem, bem como pode ser posta para julgamento e estudo, a esta segunda parte é que me refiro como produto posterior.

Sendo assim, por seu caráter particular e exclusivo daquele que vive a experiência, a pragmática estética não tem o objetivo de produzir conteúdo objetivo, nem de criar normas de relações interpessoais, porém, pode servir de convite por parte do místico a todos que ouvirem a mensagem a terem suas próprias experiências da presença de Deus, íntimas e

---

<sup>25</sup> HILDEGARDA de Bingen. *Scivias*: conhece os caminhos do Senhor. São Paulo: Paulus, 2015. p. 103-104. [grifo do texto].

personais. Neste sentido, a pragmática estética serve como uma forma de convite devocional ao que crê para que experimente, nos seus próprios termos, daquilo que o místico vive, mas que jamais poderá descrever em sua totalidade e plenitude, o que se aproxima dos objetivos políticos, mas difere no fato de que não propõe normas, apenas oferece uma possibilidade aberta.

## CONCLUSÃO

Como visto, a Mística, apesar do termo não usual em nossas comunidades, constitui uma parte vital da vida e prática cristã, afinal, não há como se viver o cristianismo sem considerar a presença de Deus e sua influência nas igrejas. Vimos também que a Mística Cristã pode ser estudada em três categorias diferentes: sob a ótica da busca de conhecimento objetivo e histórico (*heurística*), nas interações e organização das comunidades eclesiais (*política*) e na contemplação e experiências individuais (*estética*). Não é possível, nem recomendado, fazer sobreposições dessas categorias sendo que todas são vitais para a compreensão da mística cristã. No máximo, é permitido conceber que para objetivos específicos uma categoria pode ter preferência sobre outras, mas nunca um valor absoluto que a determine melhor, ou mais essencial que outra.

O objetivo desse trabalho foi lançar luz sobre algumas categorias da Mística de forma que seja possível o reconhecimento – e talvez até o resgate – de práticas que já se fazem presentes no cotidiano cristão, mas que com o tempo caíram em desuso tanto quanto às nomenclaturas, quanto aos fundamentos de cada prática cristã, como a contemplação que é pouco trabalhada no contexto Ocidental. Acredito ser essencial a compreensão da importância e de como cada interpretação das experiências místicas pode contribuir para o desenvolvimento de um cristianismo saudável. Afinal, mais do que compreender *academicamente* como se dão as relações entre ser humano e Deus, é muito mais importante compreender de forma *vivencial* como essas experiências influenciam a vida cristã e nas relações humanas. Viver a Mística Cristã, ou seja, a relação da presença de Deus no mundo, é, na minha opinião, a melhor forma de promover um Cristianismo à semelhança de Cristo, seja no âmbito da vivência individual ou em comunidade, e para tanto, é fundamental saber como aplicar e compreender suas interpretações nos diferentes contextos.

Para finalizar, gostaria de citar as palavras de Karl Rahner, proferidas no 12º Congresso Dos Católicos da Áustria, em 1962, às prévias do Concílio do Vaticano II: *Não extingais o Espírito!*<sup>26</sup>. Extraídas do texto de 1 Tessalonicenses 5.19, Rahner faz uso dessas palavras para exortar a igreja quanto ao compromisso de manter viva a presença do Espírito de Deus que está no meio da Igreja. Rahner adverte que ao dar mais valor às doutrinas e às estruturas eclesiais, a Igreja está extinguindo a presença e a participação transformadora que apenas o Espírito, o Paráclito, é capaz de fazer, como prometido por Jesus no livro de João 14.26.

Rahner admite a importância das estruturas eclesiais e dos juízos racionais que fazem parte da vida humana, mas ele incentiva a importância de se manter constante a busca pela vontade do Espírito. Para ele, isso faria com que a igreja caminhasse cada vez mais alinhada com a vontade de Deus e poderia, inclusive, superar problemas que, muitas vezes, são criados pela própria arrogância do julgamento humano de decidir por Deus.

Nesse sentido, se faz urgente a revitalização e estudo da Mística, da presença de Deus que deve ser vivida pela igreja e que para tanto, precisa ser compreendida e aplicada corretamente nos seus diferentes contextos e objetivos, mas que busque sempre alinhar-se com a manifestação do Espírito Santo, tão caro para a vida cristã.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *Confissões*. Jandira: Principis, 2019.

ALFEYEV, Hilarion. *O mistério da fé: introdução à teologia dogmática ortodoxa*. Petrópolis: Vozes, 2018.

BÍBLIA de Jerusalém: Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

COMUNIDADE. *In: MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=comunidade>. Acesso em: 08 set. 2021.

ECKHART, Mestre. *O livro da divina consolação e outros textos seletos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

---

<sup>26</sup> RAHNER, Karl. *Não extingais o Espírito!* São Paulo: Edições Loyola, 2018.

HEURÍSTICA. In: MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=heur%C3%ADstica>. Acesso em: 06 set. 2021.

HILDEGARDA de Bingen. *Scivias: conhece os caminhos do Senhor*. São Paulo: Paulus, 2015.

JULIANA de Norwich. *Revelações do Amor Divino*. Petrópolis: Vozes, 2018.

MCGINN, Bernard. *As fundações da mística: das origens ao século V*. São Paulo: Paulus, 2012.

MCGINN, Bernard. *The essential writings of Christian mysticism*. New York: The Modern Library, 2006.

MERTON, Thomas. *Novas sementes de contemplação*. Rio de Janeiro: Físis, 2001.

NEVES, Flávia. Texto: O que é um texto? In: NORMA CULTA [Site institucional]. 25 jul. 2019. [n.p.]. Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/texto-o-que-e-um-texto/>. Acesso em: 06 set. 2021.

PELIKAN, Jaroslav. *A Tradição Cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina. O desenvolvimento da Teologia medieval 600-1300*. v. 3. São Paulo: Shedd, 2015.

RAHNER, Karl. *Escritos de Teologia VI*. Madrid: Taurus Ediciones, 1967.

RAHNER, Karl. *Não extingais o Espírito!* São Paulo: Edições Loyola, 2018.

RIBEIRO, Osvaldo Luiz. Estética, Política, Heurística: os jogos pragmáticos de leitura. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 18, n. 3, p. 603-622, 2020.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Caminhos da mística*. São Paulo: Paulinas, 2012.